

LEITURAS DE BERNARDO ÉLIS: UMA ANÁLISE DA FORTUNA CRÍTICA BERNARDIANA

Nina Borges AMARAL

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betania Amoroso

Resumo: A pesquisa proposta no presente projeto de monografia pretende analisar a fortuna crítica sobre o autor goiano Bernardo Élis. A literatura bernardiana é frequentemente classificada segundo a categoria de regionalismo literário, e o estudo proposto procederá no exame de tal classificação. Para tanto, será compilado e organizado um aporte teórico e crítico que define mas também discute a noção de regionalismo nos estudos literários, na tentativa de compreender essa crítica e seus procedimentos em relação à obra do autor.

Palavras-chave: literatura brasileira, Bernardo Élis, crítica literária, regionalismo.

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

1.1. A literatura de Bernardo Élis

A obra de Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (Corumbá de Goiás, 1915 – Goiânia, 1997) é composta majoritariamente por uma produção em prosa e que se estende da década de 1940 à década de 1980. Nesse percurso de aproximadamente 40 anos de produção, Élis se destacou como um dos principais escritores goianos, precedido cronologicamente por Hugo de Carvalho Ramos, ambos associados pela crítica literária à produção regionalista.

Em 1944, Élis se lança com seu primeiro livro de contos, *Ermos e Gerais*. A este, se seguem seu único livro de poesia *Primeira Chuva* (1955), seu romance de maior destaque *O Tronco* (1956), seu segundo livro de contos *Caminhos e Descaminhos* (1965), sucedido pelos contos de *Veranico de Janeiro*, em 1966, e pelas duas coletâneas de contos dos livros de 1944 e 1965: *Caminhos dos Gerais* (1975) e *André Louco* (1978). Além disso, em 1984, Élis lança seu último livro de contos, *Apenas um Violão*; em 1986, lança um livro de crônicas intitulado *Jeca Jica – Jica Jeca* e em 1987, dois romances: *A Terra e as Carabinas* (publicado exclusivamente em coletânea da editora José Olympio) e *Chegou o Governador*. Paralelamente a sua produção literária, o autor também publicou uma série de ensaios nas décadas de 1970 e 1980, em sua maioria sobre a história de Goiás e personalidades históricas goianas.

Em todos os seus livros, Goiás está muito presente: seja por meio da ambientação no sertão goiano, pelas questões e personagens locais, ou pela conjunção desses motivos. É nesse sentido que Enid Yatsuda afirma, em um pequeno trecho da “Apresentação” do “Dossiê Bernardo Élis”, que: “Dizer que Bernardo Élis é **escritor goiano** significa

fornecer boa parte dos traços característicos dessa figura importante não só da chamada literatura regional, mas brasileira.” (YATSUDA, 1997, p. 9). Caracterizar Bernardo Élis como escritor goiano não significa apenas dizer da sua origem, mas chamar atenção para a temática recorrente em suas obras.

Por outro lado, tal caracterização feita por Yatsuda reflete também algo que será confirmado mais adiante no próprio trecho citado: o posicionamento dessa literatura dentro de uma tradição regionalista, a que Yatsuda se refere por meio da expressão “[a] chamada literatura regional”. A escolha por essa expressão, inclusive, pode ser interpretada como um dos indicadores de que o termo *regional* (e suas derivações) na literatura compõe um terreno delicado, que será introduzido brevemente neste projeto e do qual se valerá a pesquisa nos momentos em que se fizer necessário.

1.2. Bernardo Élis, escritor goiano

Até o início do século XX, o Centro-Oeste como um todo, e Goiás, em especial, se mantinha estagnado numa organização social de um tempo passado, resquício da sociedade que se organizou em torno da extração aurífera e que se manteve mais ou menos estática desde a decadência dessa que era a principal atividade econômica da região.

Com a descoberta dos diversos depósitos aluvionais auríferos, foram-se criando centros populacionais, pequenas vilas e arraiais, que se estruturaram desde sua fundação em função da atividade extrativista. Porém, com o esgotamento das reservas de ouro veio o declínio da região. Algumas famílias mais importantes economicamente (e, portanto, mais poderosas) se mantiveram no topo do organismo social e a economia da região se desenvolveu apenas em torno dessa situação social. Em decorrência do subdesenvolvimento da região em relação aos grandes centros nacionais (como Rio de Janeiro e São Paulo), aumentou ainda mais a distância já existente entre o Centro-Oeste e o restante do Brasil, que antes se devia principalmente ao isolamento geográfico.

É nesse cenário histórico-social que acontece a literatura goiana: no que Benjamin Abdalla Jr. (1983) caracteriza como uma organização social semifeudal de Goiás, que se desenvolveu e se manteve vigente na região em consequência da hegemonia primeiramente econômica, e posteriormente política, dos grandes fazendeiros locais. Essa tentativa de síntese histórica da organização da sociedade goiana a que se procedeu superficialmente acima é importante para a análise da literatura bernardiana, pois esta está arraigada na situação econômico-social de Goiás.

O isolamento geográfico e econômico da região acarretou, além disso, um distanciamento cultural entre o Centro-Oeste e os grandes centros nacionais. Assim, o escritor Bernardo Élis, além de pouco conhecido do público brasileiro em geral, também foi pouco estudado e analisado pela crítica literária brasileira, apesar de ser figura importante não só para a literatura goiana, como também para a literatura nacional. Esse fato pode ser percebido se considerarmos que grande parte dos textos críticos sobre o autor que compõem a fortuna crítica a ser utilizada nesta pesquisa foi retirada de textos introdutórios (apresentações, prefácios ou afins) de antologias nas quais o autor se insere ou de seletas organizadas sobre ele. A quantidade de estudos, resenhas ou artigos críticos dedicados a sua obra fora desse contexto é pequena.

Em um outro sentido, é pela junção desse panorama histórico-social com as características intrínsecas à literatura de Bernardo Élis que se explica a leitura recorrente de sua obra pela crítica literária tendo o regionalismo como pano de fundo. É inegável que sua literatura trata de temas locais, ligados a Goiás, mas esse tipo de leitura traz à tona uma problemática bastante discutida nos estudos literários e que diz respeito à própria definição de regionalismo literário.

1.3. A crítica literária e o regionalismo

A crítica literária sobre a obra de Bernardo Élis está intimamente ligada à noção de regionalismo. Como exemplos desse fenômeno, podemos citar a fala de Ercília Macedo, para quem “Bernardo Élis ocupa, cronologicamente, o segundo lugar na história do regionalismo goiano. Também como [Hugo de] Carvalho Ramos faz ficção e estudos sociais.” (MACEDO, 1968, p. 52).

Além disso, tanto para Benjamin Abdalla Jr. (1983) quanto para Gilberto Mendonça Teles (1969), Bernardo Élis apresenta em sua produção literária características que os levam a considerá-lo como *neorrealista*, enquanto para Francisco de Assis Barbosa, em nota da segunda edição do romance *O Tronco*, o escritor goiano pode ser considerado “vanguardeiro” de um novo ciclo da ficção brasileira: o “sertanismo goiano-mineiro” – que tem como maiores expoentes Guimarães Rosa e José J. Veiga (BARBOSA, 1967, p. XXII).

Em introdução a recente edição do livro *Ermos e Gerais*, Luiz Gonzaga Marchezan comenta: “o regionalismo literário de Bernardo Élis prende-se, sem dúvida, a uma região, a dos ermos geralistas de Goiás, que enquadra e caracteriza culturalmente fragmentos geográficos interioranos da região.” (MARCHEZAN, 2005, p. XXIX).

Para o crítico Gilberto Mendonça Teles, até meados do século XX pode-se perceber o que ele considera como uma insistência no regionalismo (TELES, 1969) em Goiás: o crítico atesta o caráter regionalista de grande parte da produção literária local. Não é diferente sua opinião sobre Bernardo Élis, mas, neste ponto, ele segue uma tendência de certa forma recorrente na crítica literária de tentar sobrepor ao caráter regional da obra um suposto universalismo. Segundo Teles, o regionalismo do autor goiano culmina em universalismo por não se valer do anedótico ou do pitoresco no retrato do sertão e do sertanejo goianos. Élis (assim como Carvalho Ramos) se diferencia dos autores que “se enquadram na linha primitivista, acentuando o folclórico e o pitoresco em narrativas simples, de cunho popular. Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, ao contrário, seguem a linha oposta, intelectualista, em textos de elaboração mais complexa e de forte densidade dramática.” (TELES, 1969, p. 105).

A oposição regional *versus* universal aparece nos escritos de alguns teóricos e historiadores literários, como é o caso de Afrânio Coutinho. Segundo artigo de Adriana de Fátima Barbosa Araújo, o crítico afirma, por um lado,

que toda obra de arte é regional quando apresenta como pano de fundo um lugar ou quando parece brotar desse local particular. Entretanto ele convencionou que nessa situação uma obra poderia ser localizada numa região, mas tratar de assunto universal de modo que essa particularidade local lhe seria apenas incidental.

Por outro lado, uma obra regionalista autêntica corresponde para Coutinho a “uma obra que não somente é localizada numa região, como também retira a sua ‘substância real’¹ das particularidades deste lugar.” (ARAÚJO, 2006, pp. 113, 114). Em suma, uma obra regionalista é aquela em que tem papel essencial tanto a presença física do local ao qual remete, quanto os costumes da região.

Ainda sobre a relação entre regionalismo e universalismo na historiografia literária, é interessante atentar para a observação de André Tessaro Pelinser em seu artigo “Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo”. Ao contextualizar seu estudo sobre Guimarães Rosa no início do artigo, Pelinser aponta que “nesse processo, identificamos na historiografia e na tradição crítica brasileira uma sutil, mas sempre presente, necessidade de expurgar a marca do regional de determinados textos, como se essa pecha configurasse, *per se*, um demérito qualitativo.” E acrescenta:

apesar de o escritor [Guimarães Rosa] não ter sido considerado uma unanimidade quando de seu surgimento, a valorização de elementos tidos como universalizantes em lugar daqueles que o aproximam de seus pares locais foi logo responsável por alçá-lo à categoria dos nossos grandes narradores, à qual, certamente, o autor pertence. (PELINSER, 2010, pp. 107, 108)

Coutinho, em seu processo de definição do regionalismo, parte da hipótese de que, no limite, qualquer obra literária que trate de um local específico poderia ser regionalista – para, daí, delimitar a definição do que considera como o regionalismo autêntico. Da mesma maneira procede Lúcia Miguel Pereira em sua definição, começando por uma relativização que remete à abordagem inicial de Coutinho: “se considerarmos regionalista qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais, teremos que classificar desse modo a maior parte da nossa ficção.” (PEREIRA, 1988, p. 175). Essa afirmação é pautada na predominância, segundo a crítica, da observação sobre a invenção no panorama geral da produção literária brasileira. Porém, mais adiante, afirma que

para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. (PEREIRA, 1988, p. 175)

Adriana de Fátima Barbosa Araújo em seu artigo supracitado discorre sobre a abordagem de Pereira:

Nesse trecho, vemos como Miguel Pereira entende a questão do nacional e do regional: é regional tudo o que se diferencie da ‘civilização niveladora’; e, neste caso, o conceito de ‘civilização’ está ligado ao de ‘nacional’. Esse raciocínio mostra como o pensamento da crítica incorpora a visão do colonizador e o que para ele era civilização e barbárie. (ARAÚJO, 2006, p. 115)

¹ Para Coutinho, essa denominada substância real “decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra.” (COUTINHO, 1955, pp. 146, 147).

Outra questão abordada por Pereira diz respeito ao processo de desenvolvimento da literatura nacional. Para ela, nossa literatura não surgiu espontaneamente, mas foi resultado da imitação do modelo europeu, que fez com que o movimento descrito pela literatura (quando considerando-se o regionalismo) fosse antes de uma volta ao tema local do que uma expansão deste para o universalismo. Isso explica, segundo Pereira,

as anomalias da nossa evolução literária, indo do universalismo clássico para o americanismo romântico, deste para o brasileirismo, e descobrindo tarde o regionalismo, quando, naturalmente, o sentimento local deveria anteceder o nacional, este o continental, que, por sua vez, viria antes do universal. (PEREIRA, 1988, p. 177)

Após analisar a descrição do movimento desenvolvido pela literatura regionalista feita por Miguel Pereira, Barbosa Araújo chega à seguinte conclusão: “o regionalismo nunca foi a literatura que investiu na descrição e costumes de uma região, mas foi um nome que serviu para abrigar toda produção que não estava em sintonia com a da ‘civilização niveladora’”, pois, “no pensamento de Lúcia Miguel Pereira, a literatura regionalista evoluiu sempre que investiu em concepções mais universais do homem. Desse modo, para ela, a literatura regionalista cresceu quando abriu mão do localismo em busca do cosmopolitismo.” (ARAÚJO, 2006, p. 116).

Retomando o que Lúcia Miguel Pereira afirma sobre o surgimento da literatura brasileira, Barbosa Araújo resume o pensamento de Antonio Candido sobre esse fenômeno: “como nossa literatura não nasceu aqui, mas foi tranposta no processo de colonização, houve na nossa formação um contato trabalhoso entre as culturas primitivas locais e as culturas maduras transplantadas para cá.” (ARAÚJO, 2006, p. 117). Para o crítico, a independência literária (junto com a qual surgiu o regionalismo, com desejos de exprimir o nacionalismo) criava a necessidade de novas formas literárias, além da associação às formas importadas da Europa de temas nacionais. Já de início, percebe-se, então, uma contradição atrelada a esse fenômeno, que correspondia à convivência do metropolitano com o rural. Araújo chama a atenção para o fato de que “Candido não hesita em observar que o nome regionalismo serviu para classificar obras produzidas fora do Rio de Janeiro.” (ARAÚJO, 2006, p. 119).

Outro historiador e crítico literário que trata das questões regionalistas é Alfredo Bosi, para quem o regionalismo é um tipo de ficção romântica, que se apresenta sob o título de sertanismo. Para Bosi,

as várias formas de sertanismo (romântico, naturalista, acadêmico e, até, modernista) que tem sulcado nossas letras desde os meados do século passado, nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. Do enxerto resulta quase sempre uma prosa híbrida onde não alcançam o ponto de fusão artístico o espelhamento da vida agreste e os modelos ideológicos e estéticos do prosador. (BOSI, 1980, p. 155)

A partir dessa categorização, Bosi passa a considerar o regionalismo como uma expressão literária menor, ainda que afirme que nem toda literatura regionalista tenha se perdido no banal ou no precioso e que reconheça o esforço dos regionalistas em conhecerem a cultura interiorana, optando por não aderirem às modas importadas da Europa pelas elites urbanas.

Em trabalho mais recente, no seu livro *Literatura e resistência*, Bosi repensa a questão regionalista ao reconhecer tendências críticas que vem se mostrando desde a década de 1970, aproximadamente, e que deslocam o marginalizado da antiga posição de objeto para a posição de produtor, “sujeito do processo simbólico”, nas palavras de Araújo (2006, p. 121). Ainda sobre essa mudança na postura teórica de Bosi, Araújo comenta:

A grande mudança no ponto de vista de Alfredo Bosi – das críticas duras de *História concisa da literatura brasileira* até a valorização do regionalismo como um local da revelação da tradição popular e de descoberta da identidade própria em *Literatura e resistência* – mostra que a perspectiva crítica já não opera nos termos da hierarquia de valores com a qual os críticos trabalharam desde a década de 1950 até a década de 1980.

O que realmente aponta a mudança de visão de Alfredo Bosi é que a questão não está propriamente ligada aos conceitos de nação e região ou sequer em termos de cultura da cópia ou do nacional/local. Roberto Schwarz, no texto ‘Nacional por subtração’, faz uma reflexão brilhante, sobre a questão da cópia e da originalidade na literatura brasileira, que chega à conclusão muito próxima da de Bosi. O caminho por que passa Schwarz deriva da ideia de que a construção do estado nacional com base no trabalho escravo sempre segregou culturalmente a maioria da população. E que, do processo de reiteração do trabalho forçado ou semiforçado, decorre a segregação cultural dos pobres. Sendo assim, a questão é deslocada, pelos dois críticos, de região/nação (ou os dois brasis) para a ideia de que os dois pólos são, na verdade, a elite e os excluídos. (ARAÚJO, 2006, p. 121)

Além das conceituações expostas até aqui, acreditamos ser de grande utilidade para o estudo tentar entender a visão do próprio Bernardo Élis sobre o regionalismo. Para tanto, segue trecho da introdução ao livro por ele organizado *O mundo caboclo de Valdomiro Silveira*:

Entre a última década do século passado e a Semana de Arte Moderna (ah, a exigência de marcos!), vários contistas sobressairam no Brasil, no campo do que se chama regionalismo. Muito vago e contestado, o rótulo regionalismo para nós se caracteriza em dois traços fundamentais:

1 – representa uma forma literária do Brasil tradicional, não urbanizado, refletindo uma sociedade não industrializada;

2 – a camada linguística deste regionalismo está embasada na singularidade dialetal do contexto, numa linguagem singular-rural, enquanto na ficção urbana o estilo da linguagem referencial, do código comum.

Com base nesses traços definidores, as obras ditas regionais se valem de palavras, expressões, modismos, estilo, estruturas próprias da linguagem utilizada pelos integrantes de cultura tradicional, quer sejam do norte, nordeste, sul, leste ou centro-oeste do Brasil. (ÉLIS, 194, p. XIV)

O aparato teórico organizado e apresentado breve e superficialmente neste projeto será utilizado na tentativa de entender e analisar as leituras da obra de Bernardo Élis que o considerem em seu caráter regionalista ou que tenham como pano de fundo tal conceito (que, como se percebe, é bastante plural).

2. OBJETIVOS

A pesquisa de monografia proposta por meio do presente projeto tem por objetivo analisar a leitura feita pela crítica literária brasileira das obras de Bernardo Élis. Tema recorrente nessa leitura é o regionalismo, de modo que, além de reunir uma fortuna crítica

sobre a obra de Élis, a pesquisa também procederá na reunião de uma fortuna crítica sobre o regionalismo – tanto no que diz respeito à definição do conceito quanto à sua relativização ou, por vezes, desconstrução.

3. METODOLOGIA

Para desenvolver a análise da fortuna crítica sobre a produção literária de Bernardo Élis, como proposto nos “Objetivos” do presente projeto, será necessário relacionar (por vezes, confrontando) a crítica literária sobre essa literatura com a fortuna crítica organizada em torno do tema regionalismo, bem como relacionar a obra bernardiana aos textos sobre regionalismo – devido ao fato de que a maioria dos textos críticos sobre a produção bernardiana pensa-a sob um viés regionalista, situando-a nessa tradição literária.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABDALLA Jr., Benjamin (org.). (1983) *Bernardo Élis*. São Paulo: Abril Educação. (Coleção Literatura Comentada).
- ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. (2006). “O regionalismo como outro”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 28. Brasília, julho-dezembro.
- BARBOSA, Francisco de Assis. (1967). “Romance de protesto”. In: ÉLIS, Bernardo. *O Tronco*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- OSI, Alfredo. (1980). *História concisa da literatura brasileira*. 2ª edição. São Paulo: Cultrix.
- COUTINHO, Afrânio. (1955). “O regionalismo na prosa de ficção”. *A literatura no Brasil*, vol II. Rio de Janeiro: São José.
- ÉLIS, Bernardo. (1974). “Introdução”. In: ÉLIS, Bernardo (org.). *O mundo caboclo de Valdomiro Silveira*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL/Secretaria da Cultura de São Paulo.
- MACEDO, Ercília. (1968). *Um contista goiano*. Goiânia: Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura.
- MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. (2005). “Introdução”. In: ÉLIS, Bernardo. *Ermos e Gerais (contos goianos)*. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção contistas e cronistas do Brasil)
- PELINSER, André Tessaro. (2010). “Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo”. *Antares*, nº 4. Caxias do Sul, julho-dezembro.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. (1988). “Regionalismo”. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- TELES, Gilberto Mendonça. (1969). *O Conto Brasileiro em Goiás*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura.
- YATSUDA, Enid. (1997). “Apresentação”. In: YATSUDA, Enid; CARNEIRO, Flávia (orgs.). “Dossiê Bernardo Élis”. *Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literária da Unicamp: Campinas, vol. 17.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BOSI, Alfredo. (1973). *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix.
- BOSI, Alfredo (org.). (1978). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix.
- CAMINHA, Edmilson. (1995). *Palavra de escritor*. Brasília: Thesaurus.
- CHIAPPINI, Ligia. (1995). “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”. *Estudos Históricos*, vol. 8, nº 15. Rio de Janeiro.
- FISCHER, Luiz Augusto. (2007). “Conversa urgente sobre uma velharia – uns palpites sobre vigência do regionalismo”. *Cultura e Pensamento*, nº 3, dezembro.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. (1985). *A posse da Terra – escritor brasileiro hoje*. São Paulo: Imprensa Nacional e Casa da Moeda.
- PELINSER, André Tessaro. (2012). “Crítica literária: memórias e imagens do regionalismo literário brasileiro”. *Crítica Cultural (Critic)*, vol. 7, nº 2. Palhoça, julho-dezembro.
- POLINÉSIO, Julia Marchetti. (1994). *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Anablume. (Coleção Selo Universidade, Literatura; 19)
- TAVARES, Cássio. (2011). “Ainda o regionalismo: um olhar de banda sobre essa ‘velharia’”. XII Congresso Internacional da ABRALIC. Curitiba – UFPR.
- TELES, Gilberto Mendonça (org.). (1974). *Seleção de Bernardo Élis*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL.
- TELES, Gilberto Mendonça (org.). (1996). *Os melhores contos – Bernardo Élis*. São Paulo: Global.
- TELES, Gilberto Mendonça (org.). (2010). *Bernardo Élis: cadeira 1, ocupante 4*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- VALLERIUS, Denise Mallamn. (2010). “Regionalismo e crítica: uma relação conturbada”. *Antares*, nº 3. Caxias do Sul, janeiro-junho.
- VASCONCELOS, Geraldo (org.). (1985). *Dez contos escolhidos*. Brasília: Horizonte/INL.
- VICENTINI, Albertina. (2007). “Regionalismo literário e sentidos do setão”. *Sociedade e Cultura*, vol 10, nº 2, julho-dezembro.